TEATRO

Eu, Salazar: O homem, a história e a ficção sob os ecos da revolução

A peça de O Teatrão não quer julgar a figura, mas também não o procura normalizar. Ricardo Vaz Trindade e Nuno Camarneiro dão-lhe as lentes da primeira geração pós-25 de Abril.

Camilo Soldado

25 de Abril de 2018, 6:30

Eu, Salazar, está na OMT até 13 de Maio, o mesmo dia em que se realiza a mesa-redonda "Salazar, O homem e o mito".
LUSA/PAULO NOVAIS

O actor entra em cena, pousa a mochila e vai despindo a roupa casual, enquanto vai relatando memórias enevoadas de uma infância, num texto habitado por pontas inicialmente desconexas que mesclam comemorações do 25 de Abril, Cavaco Silva como primeiro-ministro ou palavras de ordem da CGTP. Em simultâneo, vai vestindo as peças cinzentas de um fato datado, a camisa branca e a gravata preta.

O fato pretende emular as vestes da figura que mais marcou o século XX português. O actor é Ricardo Vaz Trindade, que interpreta o papel do ditador na peça *Eu, Salazar*, da companhia *O Teatrão*, que estreia hoje na Oficina Municipal do Teatro, em Coimbra.

Para além do papel central, Vaz Trindade assume também a encenação e divide a autoria do texto com Nuno Camarneiro (Prémio Leya 2012). O resultado final é uma tentativa de ponto de equilíbrio: "Não queríamos fazer uma peça de julgamento sobre o homem, também não o queríamos normalizar; não queríamos ser panfletários, nem elogiá-lo". O encenador assume que a linha que percorrem é "um bocado fina". Soma-se um exercício entre a história e a ficção, que se nota nos momentos difusos, em que as história recolhidas e pessoais dos quatro actores se misturam com a história que vem nos livros e com fragmentos de discursos do homem que dirigiu o país durante grande parte do Estado Novo.

Os dois autores do texto nasceram nos anos da ressaca da revolução e é esse ângulo que assumem: de alguém que não viveu durante o Estado Novo, mas que "ainda apanhou os ecos e as ondas de choque fortes", refere o Vaz Trindade. "Aquilo que foi o Estado Novo, o 25 de Abril e a guerra colonial chegou-nos de uma forma muito vincada", completa Camarneiro. E polarizada, seja para um lado, seja para o outro.

O ponto de partida para a peça foi a leitura da biografia de António Oliveira Salazar, da autoria de Filipe Ribeiro de Meneses (Dom Quixote, 2009), explica o actor. No livro há um episódio em que o Salazar vela a mãe doente e moribunda. "Achei que aquilo dava um bom monólogo", conta, "por achar que seria um espaço diferente". Diferente por ser um momento de vulnerabilidade "para um homem cheio de certezas, [um momento para] expor as suas próprias dúvidas, os seus medos".

O convite de *O Teatrão* para tratar o tema fez com que a peça ganhasse um corpo diferente e se estendesse a quatro actores. Nuno Camarneiro assume o objectivo de que fosse o "lado pessoal a guiar", num exercício necessariamente de ficção. Isto porque, apesar dos

extensos e variados escritos deixados por Salazar, sabe-se pouco sobre o seu lado mais pessoal. E muito do que se sabe, sustenta Vaz Trindade, faz parte da imagem que o próprio ajudou a construir.

Ainda assim, acrescenta Camarneiro, a acção política "teria que figurar", acompanhada por uma estética de portugalidade que nos remete para os cerca de quarenta anos que esteve no poder, entre a simplicidade de uma casa portuguesa e um estendal de roupa branca. As referências ao real coexistem com episódios com ares de film noir, de piano a pautar a narrativa e o fumo do cigarro a intervalar os gestos. Já perto do final do espectáculo, o actor despe o blazer de seis botões, bem como o restante fato cinzento, e regressa à roupa inicial. De seguida desaparece na penumbra.

A peça da companhia de Coimbra foi assessorada por uma equipa de quatro historiadores composta por Joana Brites, Luís Reis Torgal, Miguel Bandeira Jerónimo, Rui Bebiano, sendo que a estreia é acompanhada pela primeira de um ciclo de mesas redondas relacionadas com o tema. A primeira tem o tema "O Portugal do Estado Novo", seguindo-se "Arte, Tradição e Modernidade" no dia 5 de Maio e "Oposições e Resistências" no dia 12 do mesmo mês. *Eu, Salazar*, está na OMT até 13 de Maio, o mesmo dia em que se realiza a mesa-redonda "Salazar, O homem e o mito".

P

Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- Newsletters
- Alertas
- Facebook
- X
- Instagram
- Linkedin
- Youtube
- RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

Serviços

Aplicações

Loja

Meteorologia

Imobiliário

Assinaturas

Edição impressa

Jogos

Newsletters exclusivas

Estante P

Opinião

Assinar

Informação legal

Principais fluxos financeiros

Estrutura accionista

Regulamento de Comunicação de Infracções

Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas

Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção

Relatório de Avaliação Anual 2025 do PPR

Gerir cookies

Ajuda

Termos e condições

Política de privacidade

EMAIL MARKETING POR

@ 2025 PÚBLICO Comunicação Social SA

Eu, Salazar, no Teatrão

Notícias de Coimbra | 7 anos atrás em 23-04-2018

O Teatrão estreia a 25 de Abril
Salazar", uma peça que apresen
múltiplas facetas, imaginado p
nasceu após a revolução dos cra

PUBLICIDADE

ADVERTISEMENT
Lea
Song
Suliminchu

PUBLICIDADE

NOTÍCIAS DE COIMBRA

Assine aqui

ADVERTISEMENT

“Qual é que foi o meu primeiro Salazar? Qual é que foi o primeiro contacto que tive com esta ideia de Estado Novo de quem foi Salazar?”. Foi esta a pergunta que o encenador e ator Ricardo Vaz Trindade lançou a si próprio, ao elenco e ao escritor Nu[illegible]o Camarneiro, que participou na criação do texto da peça.

PUBLICIDADE

NOTÍCIASDECOIMBRA Assine aqui

Partindo dessa pergunta, o espetáculo acaba por transformar Salazar em vários "Salazares imaginados" – possibilidades de um ditador que não existiu, ao mesmo tempo que se socorreram da figura histórica.

Para Ricardo Vaz Trindade, o espetáculo usa Salazar como se fosse um pedaço de plasticina moldado pelos atores e pelas suas memórias, resultando num homem diverso e distinto, ADVERTISEMENT **encontrando-se um lado político, humano ou romântico.**

NOTÍCIASDECOIMBRA Assine aqui

“É um laboratório teatral, onde experimentamos, onde ensaiamos fazer coisas com o Salazar”, disse à agência Lusa o encenador que faz do ditador na peça.

No palco, encontra-se um Salazar que procura seduzir ao som de tango, um outro somítico que nem carne, pão ou vinho precisa, um homem prostrado ao lado da mãe convalescente e o ditador, de voz fina e frágil, que vai tecendo as suas ideias para Portugal.

Como é referido no texto de apresentação da peça, o ditador é retratado na Oficina Municipal do Teatro, em Coimbra, sem se querer explicar “o que há muito foi entendido, tampouco maquilhar o monstro ou ainda domesticá-lo”.

ADVERTISEMENT

O espetáculo acaba por ser resultado de uma inquietação em torno da figura, deixando várias perguntas no ar, numa peça que tem como eixo um ator que procura ser Salazar, explica Ricardo Vaz Trindade, que tem quase a mesma idade que a do ditador quando

NOTÍCIAS DE COIMBRA Assine aqui

“Sabemos historicamente o que é Salazar, mas a isso juntamos cargas simbólicas que não são propriamente realistas e construímos cenas que são sonhos, devaneios, possibilidades”, resumiu.

O espetáculo conta com a consultoria dos historiadores Joana Brites, Luís Reis Torgal, Miguel Bandeira Jerónimo e Rui Bebiano, e a participação do escritor Nuno Camarneiro (prémio Leya 2012).

Para o escritor, a peça trabalha as memórias de uma geração que não viveu o Estado Novo, mas que ainda o tem presente, “através das memórias dos pais”.

“Não quisemos que a tónica estivesse no Salazar histórico, na ‘persona’ histórica. Mais importante que isso era o nosso olhar, o olhar da nossa geração, múltiplo e caleidoscópico”, contou à Lusa Nuno Camarneiro.

ADVERTISEMENT

A peça acaba por ser tanto sobre o Salazar como sobre o ator (Ricardo Vaz Trindade) que quer interpretar o ditador que se assume como uma espécie de lente que se vai afastando ou aproximando, explicou, considerando que criar uma peça em torno da principal figura do Estado Novo é difícil.

“O caminho entre o apologético e a demonização da personagem é um caminho estranho. Não quisemos que

NOTÍCIAS DE COIMBRA Assine aqui

Segundo Nuno Camarneiro, a pergunta central do espetáculo acaba por ser: "Até que ponto Salazar é algo que surgiu destacado de nós, portugueses, nós, país, ou foi uma emanação de nós?".

A peça vai estar em cena na Oficina Municipal do Teatro de 25 de Abril até 13 de maio, de quarta-feira a sábado, às 21:00, e aos domingos às 19:00.

O preço do bilhete varia entre quatro e dez euros.

Para além da peça de teatro, são ainda promovidas pelo Teatrão quatro mesas redondas moderadas por historiadores sobre o Estado Novo e Salazar, estando também a ser criado um filme de João Vladimiro sobre o processo de construção da personagem.

O elenco é constituído por Ricardo Vaz Trindade, Isabel Craveiro, João Santos e Margarida Sousa.

PUBLICIDADE

ADVERTISEMENT

CULTURA

23 Abril 2018, 09:35

Um Salazar imaginado pelos filhos da revolução apresenta-se em Coimbra a 25 de Abril

por Lusa

Ouvir

PUBLICIDADE

Todos os dias, na App

Coimbra, 23 abr (Lusa) - O Teatrão estreia a 25 de Abril, em Coimbra, "Eu, Salazar", uma peça que apresenta um ditador de múltiplas facetas, imaginado por uma geração que nasceu após a revolução dos cravos.

"Qual é que foi o meu primeiro Salazar? Qual é que foi o primeiro contacto que tive com esta ideia de Estado Novo de quem foi Salazar?". Foi esta a pergunta que o encenador e ator Ricardo Vaz Trindade lançou a si próprio, ao elenco e ao escritor Nuno Camarneiro, que participou na criação do texto da peça.

Partindo dessa pergunta, o espetáculo acaba por transformar Salazar em vários "Salazares imaginados" - possibilidades de um ditador que não existiu, ao mesmo tempo que se socorreram da figura histórica.

Para Ricardo Vaz Trindade, o espetáculo usa Salazar como se fosse um pedaço de plasticina moldado pelos atores e pelas suas memórias, resultando num homem diverso e distinto, encontrando-se um lado político, humano ou romântico.

"É um laboratório teatral, onde experimentamos, onde ensaiamos fazer coisas com o Salazar", disse à agência Lusa o encenador que faz do ditador na peça.

No palco, encontra-se um Salazar que procura seduzir ao som de tango, um outro somítico que nem carne, pão ou vinho precisa, um homem prostrado ao lado da mãe convalescente e o ditador, de voz fina e frágil, que vai tecendo as suas ideias para Portugal.

Como é referido no texto de apresentação da peça, o ditador é retratado na Oficina Municipal do Teatro, em Coimbra, sem se querer explicar "o que há muito foi entendido, tampouco maquilhar o monstro ou ainda domesticá-lo".

O espetáculo acaba por ser resultado de uma inquietação em torno da figura, deixando várias perguntas no ar, numa peça que tem como eixo um ator que procura ser Salazar, explica Ricardo Vaz Trindade, que tem quase a mesma idade que a do ditador quando este assumiu a pasta das Finanças durante a ditadura (é sobre esse Salazar "sem um futuro conhecido" que o espetáculo incide).

"Sabemos historicamente o que é Salazar, mas a isso juntamos cargas simbólicas que não são propriamente realistas e construímos cenas que são sonhos, devaneios, possibilidades", resumiu.

O espetáculo conta com a consultoria dos historiadores Joana Brites, Luís Reis Torgal, Miguel Bandeira Jerónimo e Rui Bebiano, e a participação do escritor Nuno Camarneiro (prémio Leya 2012).

Para o escritor, a peça trabalha as memórias de uma geração que não viveu o Estado Novo, mas que ainda o tem presente, "através das memórias dos pais".

"Não quisemos que a tónica estivesse no Salazar histórico, na `persona` histórica. Mais importante que isso era o nosso olhar, o olhar da nossa geração, múltiplo e caleidoscópico", contou à Lusa Nuno Camarneiro.

A peça acaba por ser tanto sobre o Salazar como sobre o ator (Ricardo Vaz Trindade) que quer interpretar o ditador que se assume como uma espécie de lente que se vai afastando ou aproximando, explicou, considerando que criar uma peça em torno da principal figura do Estado Novo é difícil.

"O caminho entre o apologético e a demonização da personagem é um caminho estranho. Não quisemos que a peça fosse uma coisa nem outra. A peça não tem uma moral, tem sobretudo perguntas", frisou.

Segundo Nuno Camarneiro, a pergunta central do espetáculo acaba por ser: "Até que ponto Salazar é algo que surgiu destacado de nós, portugueses, nós, país, ou foi uma emanação de nós?".

A peça vai estar em cena na Oficina Municipal do Teatro de 25 de Abril até 13 de maio, de quarta-feira a sábado, às 21:00, e aos domingos às 19:00.

O preço do bilhete varia entre quatro e dez euros.

Para além da peça de teatro, são ainda promovidas pelo Teatrão quatro mesas redondas moderadas por historiadores sobre o Estado Novo e Salazar, estando também a ser criado um filme de João Vladimiro sobre o processo de construção da personagem.

O elenco é constituído por Ricardo Vaz Trindade, Isabel Craveiro, João Santos e Margarida Sousa.

ECONOMIA

atualizado 25 Março 2025, 08:33

Eurobarómetro. Portugal, país europeísta com imagem muito positiva da União Europeia

por Andrea Neves, correspondente da Antena 1 em Bruxelas

Portugal mantêm-se como um país verdadeiramente europeísta Joana Raposo Santos - RTP

Ouvir

No Eurobarómetro conhecido esta terça-feira, os portugueses são os que têm melhor imagem da União Europeia. Lideram o alinhamento dos 27 e são 75 por cento os que pensam desta forma quando a média europeia é de 50 por cento. Dezanove por cento dos cidadãos nacionais têm uma imagem neutra da União e apenas cinco por cento têm uma ideia negativa da Europa.

Curiosamente, **é nas idades entre os 15 e os 24 anos que existe uma melhor imagem da União**. Noventa e três por cento dos mais jovens têm boa imagem da união europeia e **apenas sete por cento têm uma imagem negativa das instituições -** uma percentagem que vai ser menor à medida que a idade aumenta.

VER MAIS

https://www.rtp.pt/noticias/cultura/um-salazar-imaginado-pelos-filhos-da-revolucao-apresenta-se-em-coimbra-a-25-de-abril_n1071637